

# A IMPORTÂNCIA DA DEFINIÇÃO FREUDIANA DO CONCEITO DE PULSÃO SEXUAL PARA A COMPREENSÃO DO CONCEITO DE SEXUALIDADE HUMANA

(The Importance of the Freudian Definition of the Concept of Sexual Drive for the Understanding of Human Sexuality)

Christiane Carrijo Eckhardt Mouammar<sup>1</sup>

## Resumo:

Este artigo aborda a definição de pulsão sexual proposto por Freud em *Três Ensaios* e como a concepção psicanalítica da sexualidade humana vem sendo teoricamente apresentada a partir desta primeira exposição: tanto como uma construção da espécie e como uma construção individual. Procura mostrar como a própria definição metapsicológica de pulsão (*Trieb*) - em 1905 e também em *Instintos e suas Vicissitudes*, Freud, 1915 - entrelaçou contribuições biológicas e clínica psicanalítica na formulação de um conceito original da sexualidade humana. O artigo também discute como, por causa desta duplicidade, às vezes há uma interpretação desenvolvimentista da sexualidade nos *Três Ensaios*. Nos dois primeiros dos *Três Ensaios*, Freud tentou expandir as possibilidades de comportamento sexual, analisando as pulsões na diversidade das perversões e na sexualidade das crianças, enquanto que no terceiro ensaio o foco era a pulsão sexual do adulto a partir do momento em que se organiza em torno de um objeto (portanto não sendo auto-erótico) e a função de reprodução. Alguns especialistas ocasionalmente questionaram se o artigo 1905 atribuiu uma teleologia biológica à sexualidade humana, através da atribuição da reprodução como finalidade eventual da pulsão sexual - ou seja, uma meta reprodutiva alcançada através da relação sexual (coito). Nosso estudo pretende mostrar como o ponto de vista fisiológico proposto por Freud em seu artigo de 1915 sobre *Instintos* lança alguma luz sobre como a própria origem biológica das pulsões nega essa suposta finalidade exclusiva de reprodução da sexualidade.

## Palavras-chave:

pulsão sexual; sexualidade humana; ponto de vista fisiológico; metapsicologia freudiana; epistemologia psicanalítica.

## Abstract:

This article approaches the definition of sexual drive proposed by Freud in the *Three Essays* and how the psychoanalytic conception of human sexuality has been theoretically presented from this first exposition: both as a construct of the species and as an individual construct. It seeks to show how the very metapsychological definition of drive (*Trieb*) – in 1905 and also in Freud's 1915 *Instincts and their Vicissitudes* – interlaced biological contributions and the psychoanalytic clinic in the formulation of an original concept of the human sexuality. The paper also discusses how, because of this duplicity, there is sometimes a developmental interpretation of sexuality in the *Three Essays*. In the first two of the *Three essays*, Freud tried to expand the possibilities of sexual behavior, analyzing the drives in the diversity of perversions and in children's sexuality, while in the third essay the focus was on the adult sexual drive from the moment it organizes itself around an object (hence being no longer auto-erotic) and the reproduction function. Certain experts have occasionally questioned whether the 1905 article attributed a biological teleology to the human sexuality by assigning

reproduction as the eventual purpose of the sexual drive – that is, a reproductive goal achieved through the sexual intercourse (coitus). Our study seeks to show how the physiological point of view proposed by Freud in his 1915 article on *Instincts* sheds some light on how the very biological origin of the drives denies this supposed exclusive reproductive purpose of sexuality.

The duplicity of Freud's concept of drive – as expressed in the enigmatic sentence where he states that this is a concept situated on the border between the psychical and the physical – is then discussed taking into account this intercrossing between the biological and the psychical presented in the *Three Essays*. The points of view proposed by Freud in 1915 for the definition of the concept of drive – the physiological and the biological points of view – are suggested as conceptual tools to the understanding of this twofold character of human sexuality, according to psychoanalysis.

**Key words:**

sexual drive, human sexuality, physiological point of view, biological point of view, Freudian metapsychology, psychoanalytic epistemology.

A clínica da histeria contribuiu para a criação do conceito de inconsciente e para a explicação da sexualidade como gênese das neuroses. Compreender o que era essa sexualidade se tornara algo urgente na psicanálise, principalmente porque as fantasias históricas apontaram para a existência de uma sexualidade infantil.

No primeiro dos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), sobre *As Aberrações Sexuais*, Freud afirmou o fato de existirem necessidades sexuais no homem e nos animais e esse fato expressava-se pela biologia pelo pressuposto de uma pulsão. A pulsão sexual está compreendida, nesta primeira apresentação freudiana, como uma similaridade desse biológico nas espécies animais e na espécie humana. Freud nunca abriu mão desse pressuposto, para ele o ser humano é uma espécie pertencente ao reino animal como outra qualquer e nessa sua primeira apresentação sobre o que seria a pulsão sexual, esse biológico serviu para marcar o caráter inato da pulsão. Percebemos a confirmação desse inato quando, a seguir, Freud escolherá a palavra libido para expressar a energia dessa pulsão sexual, ao invés da palavra alemã *lust*, justamente por esta última ser ambígua, podendo significar “prazer”, “desejo”, indicando tanto uma sensação de necessidade, como uma sensação de satisfação. Logo, Freud queria era deixar claro que a pulsão sexual que ele estava definindo possuía um caráter inato, algo que antecede a sensação de satisfação e, por isso, presente em animais e no homem.

Se, no primeiro ensaio, Freud falou do objeto e do alvo sexual, descrevendo o comportamento sexual dos invertidos, foi para refletir e questionar o que a ciência chamava até então de uma sexualidade normal e anormal. A importância dos comentários freudianos acerca dos invertidos para o conceito de pulsão foi o de demonstrar que existiria um grande número de desvios com relação ao objeto sexual e que a pulsão sexual não teria um objeto fixo. A pulsão não dependeria do objeto para existir porque justamente ela é uma força biológica endógena e inata e assim, conseqüentemente, ela existe anteriormente e independentemente do objeto e contanto que ela possa ser saciada, pouco importa o objeto que será utilizado para a sua satisfação.

Se o objeto da pulsão é variável e não algo já determinado, o que dizer do alvo sexual que era normatizado como a união dos genitais do homem e da mulher no ato do coito e a conseqüente descarga sexual?

Acontece que os chamados alvos sexuais preliminares como o contemplar e o apalpar o objeto, por exemplo, traziam muito prazer, além de intensificar a excitação antes de alcançar o alvo sexual definitivo e Freud percebeu que eles próprios, em alguns

casos, se convertiam no alvo almejado. Vemos, então, como os alvos sexuais preliminares que, em termos biológicos, serviam apenas para conduzir o indivíduo a uma mera busca reprodutiva, meta sexual, passaram eles mesmos a serem buscados como prazer pulsional, adiando ou alterando a meta sexual reprodutiva. Assim, a pulsão tem como alvo sexual não só a união dos genitais (reprodução), mas, também tem como alvos sexuais atividades prazerosas ligadas a outras partes do corpo, sendo que, algumas vezes, os prazeres preliminares destas outras partes têm primazia sob o ato do coito e/ou preponderam de tal maneira, a ponto de eliminar completamente a união dos genitais no coito.

Nesse momento, uma parada para reflexão é importante para analisarmos o quanto Freud utilizou explicações fisiológicas e biológicas para explicar a sexualidade humana e, por consequência, o conceito de pulsão. Porém, precisamos primeiro explicar o que seriam esse fisiológico e esse biológico na metapsicologia freudiana.

Em *Pulsões e Destinos da Pulsão* de 1915, Freud procurou definir o conceito do *Trieb* e se propôs a dar um conteúdo ao conceito de pulsão a partir de diversos ângulos e apontou como pontos iniciais de discussão a fisiologia e a biologia. Nossa análise do texto freudiano das *Pulsões*, conduziu-nos a estabelecer diferenças entre o ponto de vista fisiológico e o ponto de vista biológico, apesar da aparente semelhança entre ambos.

O ponto de vista fisiológico está descrito como o modelo típico do arco-reflexo (estímulos externos) e nos caminhos pulsionais (estímulos internos), é utilizado para uma explicação mecânica e também econômica dos fenômenos do aparelho psíquico; ele está baseado no modelo das ciências físicas e naturais, sua mecânica está intimamente relacionada com o ponto de vista econômico (aspecto energético) que é próprio da metapsicologia e, muitas vezes, esses dois pontos de vista parecem ser utilizados como sinônimos por Freud, outras não, porém, em nossa análise nós os separamos para seguir especificamente a definição proposta por Freud para conceituar a pulsão em 1915.

Com relação ao ponto de vista biológico, pensamos que ele se reporta sempre a concepções darwinistas ou lamarckistas, recorrendo a teorias sobre a evolução discutidas na época de Freud e reforçando a influência da hereditariedade, da ontogênese e da filogênese na construção dos conceitos metapsicológicos.

Gostaríamos de lembrar que Freud construiu o termo metapsicológico para definir a originalidade de uma psicologia que fosse além das psicologias clássicas da consciência de sua época. Na definição de Laplanche e Pontalis (1995), a metapsicologia é:

Termo criado por Freud para designar a psicologia por ele fundada, considerada na sua dimensão mais teórica. A metapsicologia elabora um conjunto de modelos conceituais mais ou menos distantes da experiência, tais como a ficção de um aparelho psíquico dividido em instâncias, a teoria das pulsões, o processo do recalque, etc. A metapsicologia leva em consideração três pontos de vista: dinâmico, tópico e econômico (LAPLANCHE e PONTALIS, 1995, p. 284).

Segundo Freud, os conceitos psicanalíticos precisariam seguir parâmetros segundo um ponto de vista metapsicológico e por isso propunha falar de uma apresentação metapsicológica quando se pudesse descrever um processo psíquico em suas relações tópicas, dinâmicas e econômicas. Estamos retomando o termo metapsicologia para defender nosso argumento de que no conceito de pulsão, Freud também indicou outros dois pontos de vista para realizar uma definição metapsicológica, o fisiológico e o biológico. Estes foram descritos como a base para darem conteúdo/forma à natureza da pulsão.

A fisiologia, no artigo de *Pulsões e Destinos de Pulsão*, retomou pontos do manuscrito do *Projeto de uma Psicologia Científica* (1895) e do livro *A Interpretação dos Sonhos* (1900), pois reapareceu o esquema do arco reflexo. Um estímulo externo que atinge o tecido vivo da substância nervosa é novamente produzido para o exterior por meio de uma ação – ação motora (fuga), logo, a fisiologia do aparelho psíquico segue a lógica do modelo do arco reflexo para os estímulos externos. E no caso da pulsão? Como lidar com ela, sendo de sua própria natureza ter uma força/pressão constante?

O estímulo pulsional provém do interior do organismo, exercendo uma força constante, tornando-se uma necessidade (*Bedürfnis*). Tudo aquilo que suspende o estado de necessidade é denominado de satisfação, como afirmou Freud em *Pulsões*: “Essa satisfação só pode ser alcançada por meio de uma alteração direcionada e específica (isto é, adequada) da fonte interna emissora de estímulos” (FREUD, 2004, p. 146, volume 1).

O que Freud está nos colocando é que para lidar com o excesso de estimulação externa o aparelho psíquico possui uma saída motora que é a fuga, contudo para lidar com os estímulos internos pulsionais a coisa se complica para esse mesmo aparelho, pois a pressão constante da pulsão provoca a exigência de uma saída para o excesso de quantidade que circula. Desse modo, as pulsões movem o psiquismo e pressionam o organismo a encontrar saídas viáveis e assim impulsionam a própria vida no interior do aparelho mental e viabilizam a tarefa do sistema nervoso de lidar com os estímulos, de forma rudimentar, livrando-se deles, empurrando-os para fora. Assim, poderíamos observar o ponto de vista fisiológico, inicialmente no modelo típico do arco reflexo (estímulos externos) e depois, num segundo momento, nos caminhos pulsionais (estímulos internos). O ponto de vista fisiológico demonstraria como as pulsões abrem um caminho no interior do aparelho, buscando uma saída para a pressão constante e assim movem esse mesmo aparelho. Podemos propor que, para se livrar do excesso de energia pulsional, ocorre à transformação de energia física em energia psíquica. Ou seja, parece que a transformação dessa energia física em psíquica é uma forma de se livrar do excesso da quantidade e vemos como aparece simultaneamente nessa nossa constatação, o ponto de vista fisiológico e o ponto de vista econômico. É como se o fisiológico e o econômico caminhassem juntos. Nesse sentido, dado que a proposta de Freud é discutir a pulsão do ponto de vista fisiológico e nessa parte do texto é da fisiologia que ele está falando, é ela, a fisiologia, que explica a passagem, a transformação da energia física para a energia psíquica. Segundo Monzani (1989):

Para Freud, ao que tudo indica, antes disso há um momento preliminar de transformação e a pulsão é exatamente esse “conceito-limite” que aponta para o momento mesmo onde os processos energéticos orgânicos transformam-se em processos energéticos psíquicos. Sem dúvida, este é um dos grandes mistérios que a obra de Freud nos legou. Como é possível essa passagem? Como conceber um aparelho psíquico que consegue operar de tempos em tempos e transformar um processo energético orgânico num processo energético psíquico [...] não nos deve fazer esquecer de que Freud concebe um processo periódico de transformação global da energia somática em energia psíquica e que, portanto, o energético se instala e habita o psíquico (MONZANI, 1989, p. 94-95).

O ponto de vista fisiológico – descarregar o excesso de estimulação – e o ponto de vista econômico – da circulação da energia e do prazer e desprazer para se livrar do excesso de excitação – a nosso ver auxiliam na compreensão dessa passagem da energia somática para a energia psíquica.

Monzani (1989) escreveu que Ricoer se enganou ao acreditar que energia e sentido não poderiam coabitar o mesmo espaço ou de duvidar de que na raiz dos

processos de sentido estariam processos energéticos. Para Ricoeur seria impensável que um processo energético poderia ser de alguma forma produtor de sentido e onde houvesse domínio do mecanismo energetista o sentido estaria ausente e vice-versa.

Pensamos que podemos indicar mais uma reflexão a partir do modelo fisiológico do arco reflexo e da fisiologia dos caminhos que o *Trieb* precisa abrir no psiquismo: ela é a diferenciação entre interno e externo. Para Freud, o ser vivo perceberia que existem estímulos dos quais ele pode se afastar por uma ação muscular e outros para os quais uma ação como essa resultaria inútil, pois eles continuariam a exercer uma pressão constante, possibilitando que o homem percebesse a existência de um mundo interno em oposição a um mundo externo. Vejamos no artigo *Pulsões* (1915):

Esses outros estímulos são o sinal característico da existência de um mundo interno, são a evidência das necessidades pulsionais [*Triebbedürfnisse*]. A substância perceptiva do ser vivo terá assim obtido, a partir da eficácia da sua atividade muscular, um ponto de referência para diferenciar entre um “externo” e um “interno” (FREUD, 2004, p.147, volume 1).

Não notaríamos nesse raciocínio freudiano, a partir da fisiologia da ação das pulsões, o próprio nascimento do chamado mundo “interno” e com ele a possibilidade da existência de um eu? Acreditamos que a resposta é afirmativa, porque o eu psicológico nasce de uma base material-biológica no pensamento freudiano.

Retomando o primeiro ensaio (1905), refletiremos como a pulsão sexual sendo uma força biológica com uma meta de satisfação sexual que coincidiria com o coito genital entre os sexos opostos, pode comportar uma transgressão desse biológico e resultar nas perversões.

A proposta freudiana é justamente que o psíquico participaria na transformação da pulsão sexual, o psíquico agiria sobre o biológico: “Talvez justamente nas perversões mais abjetas é que devemos reconhecer a mais abundante participação psíquica na transformação da pulsão sexual” (FREUD, 1905, p.153).

Esse trabalho do psíquico sobre o biológico também auxiliaria a compreender porquê os componentes perversos são encontrados na vida das pessoas ditas normais:

A experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias e que é por ela julgado como qualquer outra intimidade. Quando as circunstâncias são favoráveis, também as pessoas normais podem substituir durante um bom tempo o alvo sexual normal por uma dessas perversões, ou arranjar-lhe um lugar ao lado dele. Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão. Justamente no campo da vida sexual é que se tropeça com dificuldades peculiares e realmente insolúveis, no momento, quando se quer traçar uma fronteira nítida entre o que é mera variação dentro da amplitude do fisiológico e o que constitui sintomas patológicos (FREUD, 1905, p. 152).

Concluindo, se o que importa é descarregar o alto grau de excitação da pulsão – ponto de vista fisiológico – não importando através de qual objeto, contanto que o objetivo de aliviar a pressão constante no psiquismo seja alcançado, por que falar de comportamento sexual normal ou comportamento sexual patológico?

É próprio do texto dos *Três Ensaio*s (1905) esse movimento de recorrer à Biologia e acabar sendo transgressor da norma estabelecida pela ciência do final do século XIX do que seria o comportamento sexual normal da espécie humana. Norma estabelecida pela ciência ou norma estabelecida pelo social? Se a variação dentro da amplitude do fisiológico é normal, a ampla variação no campo da vida sexual é

totalmente possível e natural e justamente o patológico adviria do campo do social que nomearia o que considera o normal e o anormal no campo da sexualidade humana. Assim, Freud não abandona seus argumentos naturalistas, mas teria, antes de tudo, os colocado sempre sob uma nova ótica ao focar a espécie humana.

Contudo, se existe uma mudança na finalidade da pulsão sexual como meta biológica reprodutiva do encontro de genitais, Freud também delimita as condições gerais em que um comportamento sexual seria considerado aberração patológica. Ele vai especificar que a patologia acontece quando o anseio por um fetiche – substituto do objeto sexual, como uma parte do corpo pouco apropriada para fins sexuais ou um objeto inanimado – se fixa e substitui o alvo sexual normal e mais, quando ele se torna o único objeto sexual. Parece que a meta da pulsão é a satisfação da necessidade sexual e essa satisfação não é, exclusivamente e necessariamente a procriação. Entretanto, nos *Três Ensaios* (1905), o afastamento desta procriação como objetivo último da finalidade sexual, bem como a ausência do coito genital, parece justificar a patologia, assim a biologia, ao mesmo tempo em que explica a transgressão do “normal” vigente (através da variabilidade do objeto – ponto de vista fisiológico), também, de certa maneira, estabelece a norma. Citando Freud:

Quando a perversão não se apresenta ao lado do alvo e do objeto sexuais normais, no caso em que a situação é propícia a promovê-la e há circunstâncias desfavoráveis impedindo a normalidade, mas antes suplanta e substitui o normal em todas as circunstâncias, ou seja, quando há nelas as características de exclusividade e fixação, então nos vemos autorizados, na maioria das vezes, a julgá-la como um sintoma patológico (FREUD, 1905, p. 153).

Bem, então quem estabelece a norma, o biológico ou o social? E poderíamos dizer que existe uma teleologia nos *Três Ensaios*, no sentido do comportamento sexual normal caminhar em direção a uma meta reprodutiva para a espécie humana?

Refletindo sobre o ponto de vista fisiológico e biológico, podemos perceber que, se o mandato da fisiologia é a descarga, a normatização viria do lado do social, ou seja, como o objeto é variável, com a conseqüente plasticidade do comportamento sexual humano, a nomeação da patologia seria dada pela cultura. Contudo, se o mandato da biologia é a reprodução como finalidade última, a norma é estabelecida por um desvio da meta de conservação da espécie.

Parece que, se existe a leitura de uma teleologia nos *Três Ensaios*, ela caminha nesse sentido da pulsão sexual estar atrelada a esse biológico reprodutivo para a conservação da espécie. Defendemos a ideia de que em Freud, a pulsão sexual é um conceito paradigmático justamente porque pela biologia, a sexualidade é entendida como um construto da espécie, enquanto que, sem abandonar a matriz naturalista, a fisiologia conduz essa mesma sexualidade a ser entendida como um construto do indivíduo pela ampla possibilidade e necessidade que o psíquico tem de abrir/construir caminhos individuais para encontrar saídas para a descarga pulsional. A fisiologia pulsional pressiona o aparelho para uma descarga e, assim, constrói esse mesmo psíquico.

Pensamos que, a cultura, com sua enorme variedade de objetos possibilita cada vez mais a existência de variação do objeto e do comportamento sexual, possibilitando inúmeras saídas para a descarga pulsional. Pensamos que a atividade reprodutiva – a meta biológica – fica cada vez mais adiada em virtude das próprias metas intermediárias de satisfação proporcionadas pela descarga pulsional – meta fisiológica – serem cada vez mais buscadas em nossa cultura, ainda mais com a possibilidade da existência de uma atividade sexual sem reprodução conquistada pelo desenvolvimento de tecnologias do controle de natalidade. Assim, cada vez mais a cultura é que interferirá na construção

do psíquico e é esta cultura que imprimirá definitivamente a sua marca sobre o biológico. A questão de uma normatização no campo da sexualidade humana caminhará na direção de uma discussão profunda sobre a ética e a doença provavelmente será redefinida através de termos onde o sujeito da patologia poderá ser o indivíduo no qual, na prática, no seu comportamento sexual com outro, transgredir o direito a integridade física e psíquica, a liberdade e o direito de escolha deste próximo, procurando coagi-lo ou feri-lo. Para a biologia caberá, como sendo o construto da espécie, o lugar nessa discussão, como a defensora e mantedora do equilíbrio da vida, inclusive e principalmente se a cultura cair, naquilo que os gregos denominaram de *hybris*, na desmedida. As forças da pulsão de vida e da pulsão de morte (*Além do Princípio do Prazer*, 1920) habitam o psiquismo humano e travam o embate constante entre forças de construção e destruição da civilização, e a desmedida poderia estar num excesso do processo civilizatório que, apesar da aparente defesa da vida (com a criação de tecnologias), exacerba o limite do corporal humano (excesso de trabalho; as guerras étnicas), colocando em risco a própria existência da espécie humana (ou de uma etnia) fomentando as guerras e todos os tipos de racismo e fazendo aparecer no mais alto grau, a pulsão de morte. Se o homem, por um lado, contendo as pulsões, pode construir a civilização, esta, a partir de sua existência, também interferiu no humano. Freud estava correto ao dar um lugar à biologia, o sujeito psicológico nasce de uma base somática, da energia física sendo transformada em energia psíquica e se a pulsão de morte impele para a destruição da vida dentro do próprio psiquismo, a cultura com a construção de seus objetos materializa e potencializa a morte da própria espécie.

É nesse sentido que compreendemos um tipo de teleologia nos *Três Ensaio*s (1905), pois quando Freud aponta que uma finalidade reprodutiva faz parte da sexualidade humana, é para delimitar que existe um desenvolvimento maturacional da pulsão sexual que é conquistado com a fusão das pulsões parciais na pulsão genital. Portanto, ele está se referindo a um desenvolvimento biológico da pulsão sexual no corpo do ser humano, assim como existem outras maturações, como, por exemplo, da coluna vertebral. Essa maturação serve à conservação do indivíduo e à conservação da espécie, a reprodução serve à espécie, contudo, pelo mesmo raciocínio freudiano, vemos como a fisiologia da pulsão sexual demonstra que o importante para o indivíduo é o descarregar pulsional. Uma sexualidade que caminha com a possibilidade de uma finalidade reprodutiva é diferente de afirmar que existe um determinismo para a reprodução na pulsão sexual, pois, se assim fosse, a pulsão só poderia se satisfazer com o coito heterossexual e logo, não haveria a variabilidade do objeto pulsional. Pensamos que o texto freudiano realiza um movimento de oscilar entre a defesa de uma amplitude e variabilidade no comportamento sexual humano (ponto de vista fisiológico) e uma delimitação de que a finalidade biológica (e não fisiológica) da pulsão sexual caminha para a reprodução como uma possibilidade do amadurecimento da pulsão na sua fase genital, esta última contribuindo para a conservação da espécie. Cabe-nos perguntar se um dia poderíamos prescindir totalmente da reprodução para a manutenção da nossa espécie; pensamos que, enquanto isso não é possível, a sexualidade humana, por mais plástico que seja o comportamento sexual, continuará tendo como um de seus destinos (e não objetivo único) a reprodução e a pulsão continuará sendo o conceito paradigmático entre o físico e o psíquico e a complexidade e aparente dubiedade do texto dos *Três Ensaio*s podem ser entendidas nesse bojo, no qual vemos a existência de um construto da espécie e de um construto do indivíduo no núcleo da subjetividade, entrelaçando o corpo biológico material e psiquismo na construção do sujeito humano.

A clínica psicanalítica contribuiu para a definição do conceito de pulsão sexual na compreensão da construção do caminho psíquico aberto por causa da pressão

constante do *Trieb*. O pensamento freudiano defende a existência de uma bitemporalidade do desenvolvimento sexual na espécie humana, que é a interrupção temporária da busca da satisfação das pulsões sexuais parciais durante a chamada latência, na qual ocorre o deslocamento da pulsão para as atividades sociais e culturais e que possibilita o desenvolvimento da cultura, mas também pode gerar perturbações, como a neurose. A sexualidade humana dividida em dois tempos, num primeiro, uma vivência do auto-erotismo das pulsões parciais, num segundo, a vivência da pulsão sexual genital. O mecanismo do recalque é específico da teoria e clínica psicanalítica e ele é um dos conceitos psicanalíticos que nos permite entender os desvios que o *Trieb* precisa fazer para buscar a satisfação e logo, de como o psíquico poderá se configurar.

A importância das fantasias na construção da sexualidade humana e da subjetividade também é marcante e destaca a especificidade da psicanálise na compreensão da pulsão sexual como uma tecitura extremamente plástica e móvel.

A pulsão sexual estaria, desde o início da vida do indivíduo, submetida a um sistema de representações inconscientes porque o auto-erotismo é estruturado pelos objetos de satisfação originais – mãe – e estes sempre teriam estado submetidos às fantasias das crianças. A pulsão sexual na espécie humana estaria relacionada a fantasias desde o auto-erotismo da infância até a sexualidade genital adulta e poderíamos dizer que a capacidade de submeter e associar a sexualidade a um sistema de representações inconscientes é uma característica específica da espécie humana.

Não nos cabe aqui realizar o imenso trabalho de percorrer os meandros da contribuição da clínica psicanalítica para o conceito de pulsão sexual e logo, para a sexualidade humana, por isso apenas mencionamos brevemente a bitemporalidade da sexualidade, o recalque e a fantasia como pontos norteadores iniciais dessa discussão por entendê-los como conceitos essenciais para essa tarefa de entender o *Trieb* como construto do indivíduo e da espécie. E também pensamos que é fundamental para compreender a sexualidade humana estudos sobre a cultura e sobre a linguagem dado que é justamente nestas que observaremos a grande contribuição do psíquico na transformação da pulsão sexual.

## Notas

1. Professora Doutora do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – Bauru-SP.

## Referências Bibliográficas:

FREUD, S.; BREUER, L. (1893-1895). *Estúdios sobre la histeria*. Buenos Aires: Amorrortu, 1998. v. 2. (Sigmund Freud. Obras Completas).

FREUD, S. (1905). Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7.

\_\_\_\_\_. O futuro de uma ilusão. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 21.

\_\_\_\_\_. (1895). *Projeto de uma Psicologia*. Notas críticas de Osmyr Faria Gabbi Jr. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud – volume 1*. Coordenação de tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004.



\_\_\_\_\_. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud* – volume 2. Coordenação de tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud* – volume 3. Coordenação de tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HANNS, L. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LIMONGI, M. I. M. P. *A pulsão e seu conceito na metapsicologia freudiana*. 1994. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MONZANI, L. R. *Freud: O movimento de um pensamento*. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989.

TRILLAT, E. *História da Histeria*. São Paulo: Escuta, 1991.